Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

23 DE AGOSTO
PREFEITURA MUNICIPAL
BATATAIS — SP
IMPROVISO AO VISITAR A CIDADE

Senhor Governador do Estado,
Senhor Prefeito de Batatais,
Meus caros patrícios de Batatais:

Eu não sei como agradecer as palavras generosas que acaba de pronunciar o Prefeito, fruto talvez da bondade dessa boa gente aqui de Batatais de quem ele é o reflexo.

De fato, o Senhor Prefeito fez algumas afirmações a meu respeito que, apesar de me deixar muito lisonjeado, considero um exame de consciência isento e um tanto exagerado, porquanto parece mesmo um paradoxo, que eu — filho de soldado, neto e bisneto de soldado, tendo passado desde os primeiros anos da minha infância dentro de quartéis, justamente eu que passei a minha vida toda aprendendo a fazer a guerra para defender este Pais — me veja, pelo meu temperamento e minha inclinação, obrigado por impulso natural a que não pude resistir.

Porque senti que este era o meu dever: estender as mãos àqueles que não acretavam na minha pregação pelas praças públicas.

E, ao afirmar pela primeira vez, na cidade de Uruguaiana, que ia fazer deste País uma democracia, senti que alguns elementos que se opunham ao Governo, senti que muitos setores da imprensa, e — por que não dizer? — também muitas vozes da opinião pública achavam que eu estava exagerando, porque eu tinha dado meu apoio a um regime fechado.

Mas, confesso aos Senhores que eu e meus companheiros, quando tomamos parte na Revolução de 31 de março de 1964, tínhamos rumos bem definidos e rumos democráticos, e que jamais poderíamos pensar que a violência nos levasse a atitude que nunca defendemos, que nunca quisemos.

Daí por que não vejo incoerência nenhuma, eu educado dentro dos quartéis e sob a proteção de meu pai, que tudo deu de si e procurou transmitir a seus filhos, com seu exemplo, para que a lei fosse respeitada neste País, o que os paulistas queriam em 1932.

O que nós queríamos, em 31 de março de 1964, era que o Governo respeitasse a Lei. Respeitasse aquela Constituição.

Felizmente, porém, sempre encontramos homens determinados que conseguiam, apesar desses desvios momentâneos, fazer voltar a nossa Revolução para aqueles rumos primeiros.

Por isso, dei o meu aplauso ao Presidente Geisel quando ele se determinou a fazer a abertura política. E eu, para não me arrepender mais tarde, para me empenhar na campanha eleitoral, disse a primeira vez, em Uruguaiana, que queria fazer deste País uma democracia. E o disse várias vezes, antes de tomar posse.

Quero, neste momento, reafirmar que a minha determinação é a mesma de quando eu assumi a Presidência da República e que hei de fazer deste País aquela democracia que meu pai me ensinou, e não aquela democracia que outros querem me ensinar agora.

E se eu estendo as minhas mãos em conciliação àqueles que não me têm confiança, nas minhas afirmações ou nas minhas intenções; é porque quero, de fato, a confraternização dos brasileiros. Quero perdoar inclusive àqueles que momentaneamente se esqueceram dos deveres para com a Pátria. Quero perdoar a mim mesmo, inclusive, por às vezes, ter cometido injustiças mentais a respeito de alguns brasileiros.

Mas não quero dizer que não vou lutar pela democracia em que eu acredito. A reconciliação que desejo é uma reconciliação para a construção deste País e não para a sua destruição.

E quando no início da campanha afirmava isto em praça pública, a certeza de que, ao fim, o povo iria acreditar em mim, muitos céticos riam e sorriam e duvidavam das minhas palavras. Eu repetia porque dentro do meu peito sentia o que estava dizendo, como agora estou sentindo.

Naquelas minhas afirmações, algumas passageiras, eu dizia ao povo que tinha confiança nele, por sentir, a cada dia que passava, que o povo sabia que eu não iria enganá-lo e que, nos momentos de abertura ou de crise, eu iria dizer a verdade.

E posso assegurar ao povo de Batatais e ao povo paulista que tenho sentido esta receptividade do povo, não para comigo, mas para aquelas intenções que eu trago. Sinto que este povo quer me ajudar. Sinto que, inclusive, a Oposição, quase em sua totalidade, quer me ajudar, mas talvez, por um sentimento de pudor ou de

vergonha, não queira se chegar a mim, para não dizer que está cooperando com o meu Governo.

Eu não diria cooperar com o meu Governo; eu diria cooperar com o Governo para reconstruírmos este País, e para isto preciso de auxílio de todos os bons brasileiros, tenham eles que idéia tiverem a meu respeito.

Sei bem que, até hoje, como disse o nosso prefeito Claret, a mão estendida não foi compreendida. Alguns até disseram que as minhas mãos estavam vazias, como se eu precisasse de enchê-las para que os brasileiros viessem cooperar comigo.

Eu responderia a esses que as minhas mãos estão vazias de bens materiais, porque sou pobre e não vou usar o dinheiro da Nação para recompensá-los por serviços que possam prestar à Pátria. Minhas mãos estão, sim, cheias de esperança, de otimismo, e têm força bastante para ajudar o povo a levar nosso País pelos caminhos que minha mãe me ensinou e os caminhos pelos quais meu pai lutou, que são os caminhos da cristandade e da Constituição.

Muito obrigado.